

A ERA DAS NOVAS TECNOLOGIAS: O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NOS MOVIMENTOS POPULARES NO BRASIL DE 2013

José João Bosco Pereira¹

Resumo

A interdisciplinaridade mostra a conexão novas das tecnologias as *redes sociais* em função da sustentabilidade de movimentos populares atuais. Na Primavera Árabe², os líderes usaram a internet e tiveram sucesso. Hoje, as multidões nas ruas são convocadas pelas redes para exigir transparência ética política e qualidade de educação, saúde e transporte. Esse fenômeno transcende as práticas tradicionais de políticas e de liderança. Ninguém pode negar o impacto do uso das novas tecnologias nos movimentos de protesto quando ideologicamente a imprensa ou as mídias tentaram manipular as pessoas e desmoralizar mobilização popular. Outra relevância: o rosto multifacetado da juventude nos surpreendeu, porque muitos julgam os jovens apáticos e despolitizados. O acesso de jovens e de mulheres às tecnologias e às universidades ou aos cursos técnicos faz a diferença na mobilidade dos movimentos de rua. A rede social é um poderoso recurso que fortalecem a cidadania e a democracia porque supera o clima de incerteza que atinge os brasileiros, os jovens e as famílias. Todos têm consciência das dificuldades de manter a qualidade de vida e da educação, o emprego se tornou cada vez mais difícil. O *gigante acordou* e as novas tecnologias são uma das condições de mobilidade social e política no início do século XXI!

Palavras-chave: *redes* sociais, movimentos populares, manifestações de rua, Passe livre e corrupção.

Abstract

The interdisciplinarity shows the new connection technologies-social networks on the basis of the sustainability of recent popular movements. In the Arab' Spring, leaders have used the internet and successfully. Today, people are called to the streets by social networks, to protest and demand political ethics and transparency of quality education, health and transport. This phenomenon transcends traditional political practices and leadership. No one can deny the impact of the use of new technologies in the protest movements when, ideologically, the press or the media tried to manipulate people and demoralize popular mobilization. Other relevance: the multifaceted youth face surprised us, because many believe young people apathetic and without political engagement. The youth and women's access to technologies and universities or technical courses makes the difference in strategic mobility of street demonstrations. Social networking is a powerful feature that strengthen citizenship and democracy, because it overcomes the uncertainty that reaches the Brazilians, young people and families. All are aware of the difficulties to maintain the quality of life and education; employment has become increasingly difficult. The giant woke up and new technologies are one of the social mobility and political conditions at the beginning of the 21st century!

Key-words: social networks, popular movements, street demonstrations, free pass and corruption.

¹ Mestre em Teoria da Literatura e Crítica da Cultura pela UFSJ, professor de ensino médio do ETEC Prof. Dr. José Dagnoni em Santa Barbara D'Oeste-SP. E-mail: jbosconato@hotmail.com.

² Disponível em: <http://www.slideshare.net/gustavoclopes/o-papel-das-redes-sociais-como-ferramenta-de-mobilizacao-politica-da-sociedade-uma-analise-da-primavera-rabe>. Acesso em: 11/07/13.

Introdução

O presente artigo propõe, através de alguns teóricos de vários saberes e ciências, uma releitura de motivações e contextos de reflexão da prática das tecnologias e seu impacto nas manifestações de rua desde 27 de junho de 2013, cujo estopim foi o *Passe Livre*, redimensionado pela indignação da população brasileira contra a corrupção dos poderes constituídos no Brasil. Vivemos outros processos de reconfiguração de novas tecnologias e sua adesão pelas massas depois do *impeachment* do Collor³. A atratividade e interatividade são algumas das características das redes sociais, não necessitando de aval das mídias ou telejornais, podendo convocar pessoas para determinados apelos publicitários e adesão às manifestações de rua como protesto contra os poderes constituídos e as mazelas históricas da elite política. O mundo já não é o mesmo desde que os mestres da suspeita⁴ (Marx, Freud e Nietzsche) questionaram a imagem paradoxal de jogo de forças entre a burguesia e as camadas populares, delineado por Paul Ricoeur (*apud* ARANHA, 2009). A fenomenologia é uma das tendências da modernidade, que se tornou questionada pela pós-modernidade. Contudo, o termo é motivador para tentar compreender os fenômenos das tecnologias e das manifestações populares com a mediação das redes sociais contra a corrupção e a manipulação das mídias burguesas, desde a Primavera Árabe⁵ no início deste século.

2 A politização das massas e a mediação das redes sociais

Segundo Gilmor (2005)⁶, o jornalismo se tornará eficaz à medida que transcender a reprodução de ideias dos sistemas dominantes e se constituir em espaço de “conversação”. Para isso, terá que “melhorar a escuta e a audiência” com os clientes e a

³ Impeachment de Collor faz 20 anos - 28/09/2012 07h00 - Atualizado em 29/09/2012, 12h33. Há 20 anos, o 1º presidente eleito após o fim do regime militar perdia cargo. Em 29 de setembro de 92, Câmara aprovou seu afastamento. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/09/impeachment-de-collor-faz-20-anos-relembra-fatos-que-levaram-queda.html>. Acesso em: 07/07/13.

⁴ ARANHA, Maria *et al.* **Filosofando** - 4ªEd. - Editora Moderna, 2009. Os mestres da Suspeita em Ricoeur: “esses três pensadores suspeitaram das ilusões da consciência. Para descobrir a verdade, é preciso proceder à interpretação do que consideramos conhecer a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente.” Disponível em: <http://share.pdfonline.com/989ef1bf7a1d4207adb1d41ea53eeea9/OS%20MESTRES%20DA%20SUSPEITA.htm>. Acesso em: 07/07/13.

⁵ DO PSEUDÔNIMO AO ORIENTALISMO: UM ROTEIRO REPRESENTATIVO NAS NARRATIVAS DE MALBA TAHAN, artigo de José João Bosco Pereira, mestre em Literatura e Crítica à cultura pela UFSJ (2011), confeccionado em jan. 2013. Trata-se de uma pesquisa sobre a relação da literatura oriental, apropriada no ocidente, e os movimentos orientais populares de democratização contra as ditaduras históricas e monárquicas com a mediação das redes sociais.

⁶ Disponível em <http://fabiomalini.wordpress.com/2006/11/06/o-jornalismo-participativo-por-dan-gilmor/>. Acesso em: 11/07/13.

comunidade interessada. Nesse sistema de redes interativamente sociais, deve haver abertura ao respeito à opinião das pessoas e uma reflexão sobre idoneidade, popularidade, participação da comunidade e “reputação” de agências de informação. Esse conjunto maior e em crescimento dialético, consultivo, terá personalidade jurídica ou social de “um editor coletivo”.

Reconhece-se a cobertura do incidente de 21 de setembro por “*Reynolds* está sempre a publicar comentários cortantes, de tendência libertária e conservadora, sobre uma grande diversidade de questões”. (GILMOR, 2005, p. 39). Os *blogs* dialogam com o jornalismo participativo ou colaborativo, integrando a mídia e reeditando a produção dos cidadãos e as polêmicas de temas da cidadania. É libertário quando aceita o *liberalismo econômico*: a mínima intervenção do Estado na economia. *Blog*, abreviação de *web log*, teve seu primeiro formato com a *Open Diary*, disponível na internet em outubro de 1998. Em 1999, surgiram a hospedagem mais popular de blogs: o *LiveJournal* e o *blogspot.com.*, adquirido pelo Google em 2003. O acesso por banda larga abriu espaços de leitores e escritores em todo mundo. O blog é um domínio eletrônico de comunicação, antecedente das redes sociais recentes.

Até as redes televisivas têm seus suportes midiáticos *online*. Há dois anos, a *TV Cultura* se dedica a um jornalismo colaborativo em um país ainda marcado pelo analfabetismo. Para estudantes e universitários, o processo de *escrita colaborativa* do *Clikideia*⁷ assume uma dimensão de diálogo na dinâmica de participação educador-educandos, formando uma rede de textos partilhados entre si.

Em 2001, a *Wikipedia*, entre os quinze sites populares, é uma enciclopédia virtual disponibilizada com 20 mil artigos e em 18 idiomas. Inaugurada e planejada por Jimmy Wales e Larry Sanger, pode ser consultada por qualquer pessoa. Para a língua portuguesa, conta com 445 mil artigos. Seu mérito, além da pesquisa escolar, serve para interação com os internautas, aceitando sugestões e modificações de verbetes polêmicos, consoante Lindeman (2006) e Lopes (2008).

A interação entre redes sociais e movimentos sociais recentes foi vista como mobilidade e mensagem revolucionária por Barreto e Recuero (2011)⁸. Essa complexidade alavanca novos conceitos de participação democrática e uma rebeldia criativa cuja base está na formação dos agentes juvenis populares e o acesso aos

⁷ Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=3989718>. Acesso em: 11/07/13.

⁸ Veja os dois autores: BARRETO, Fernando: Mobilização Social. RECUERO, Raquel: A nova revolução – as redes são as mensagens. In: **Para entender as mídias sociais**. Org. BRAMBILLA, Ana. E-book, 2011.

suportes tecnológicos aliados ao alcance do uso das novas tecnologias disponíveis no mercado, como afirma Bárbara Lopes (2008)⁹:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desse conhecimento e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.(CASTELLS, 1999, p. 69, *apud* LOPES, 2008)

Por outro matiz, segundo Husserl¹⁰ e Heidegger (fundador da psicologia fenomenológica existencial), diferente de Kant, a fenomenologia se dirige às manifestações dos eventos em geral, porque não se tem acesso à sua dinâmica interna (a essência do ser). Cada acontecimento histórico tem sua estrutura, o que nos aparece, em sua manifestação e efeitos, é o fenômeno cultural. Esse pode ser analisado de diferentes modos e conforme o olhar descritivo de cada pesquisador. Nenhum consegue dissecá-lo totalmente e nem superá-lo ou esgotá-lo em suas análises. A interioridade ideológica não nos é totalmente desvendada. Se há uma intencionalidade em cada acontecer histórico, deve-se procurá-la nas relações entre os fenômenos e seu contexto epocal. Não se pode reduzir o fenômeno social a mero positivismo de suas manifestações de causalidade. Não basta apegar-se às suas convulsões periódicas e estruturais. As intenções de cada fenômeno podem ser múltiplas e seus agenciadores se contradizerem. A validade dos fenômenos reside em suas propostas e os resultados podem avançar gerações. A relevância dos fenômenos de cada sociedade evidencia sua funcionalidade, extensão, eficácia e crítica de resistência, mudança e necessidade de expressão paradoxal sob o olhar dos grupos hegemônicos. O mérito do marxismo é colocar em questão o *status quo* capitalista como estruturação das relações de poder nas centralizações de grupos afins de lucros. Como se tudo estivesse sob o eixo do capital. Todas as relações humanas e simbólicas, culturais e sociais ficassem dependentes exclusivamente do jogo de interesses comerciais. É o *economicismo* dominando as culturas, contra o qual Marx escreveu **O Capital**. Quem não se norteia ou se compactua com ele, estará inexoravelmente excluído das estruturas que formam sistemas fechados no lucro. A pessoa é engendrada terrivelmente nos critérios de lucro e pelo lucro. Esse fisiologismo contamina tudo, a política fica em função de reproduzir na sociedade os mecanismos ideológicos e coercitivos para que o lucro domine mentes e corpos.

⁹ Disponível em: <http://www.slideshare.net/LuisNassif/jornalismo-colaborativo-nassif> Acesso em: 11/07/13.

¹⁰ Disponível em: <http://www.psicoloucos.com/Edmund-Husserl/fenomenologia.html>. Acesso em: 11/07/13.

Contudo, historicamente, embora houvesse várias tentativas de sociedades alternativas e as culturas ainda resistem ao lucro desvairado, o capitalismo se tornou um mostro e um vampiro poderoso, corrupto e assombroso nas condições de vida das pessoas e seu modo de vida. As profecias de Marx de que o operariado se rebelaria e conquistaria o poder modificando-o a uma comunidade igualitária – o comunismo como última ontologia do materialismo dialético socialista, para ser redundante. Isso não se radicalizou totalmente. A *utopia de Marx* é um horizonte de sonhos da humanidade de superação de si, conforme Sell (2002). Ainda, economicamente, vivemos o primado do capital sobre o trabalho humano, desumanizando-o. Deste modo, o avanço de uma sociedade neoliberal se aglutinou à globalização de mercados dominados pela circulação injusta e desigual de lucros, gerando rastros de morte e desigualdade mórbida, migração contraditória, exclusão de grupos e pessoas, falindo economias locais... A política brasileira, nesse jogo de interesses neoliberais e globais, há muito, vem gerando estruturas e sistemas narcísicos e egoístas de interesses hegemônicos, excluindo e massificando o povo brasileiro. A indignação das pessoas como cidadãos que: pagam impostos, votam sem mudar o sistema, trabalham muito e não têm condições sociais de acesso à educação, saúde, transporte e lazer de qualidade, representa o fenômeno das multidões nas ruas com suas palavras de insatisfação a exigir moralidade e mudanças nos sistemas políticos e seus direitos civis sejam revistos e satisfeitos na forma e na execução de leis novas e sérias. Que haja redução de mandatos, que os políticos não podem aumentar sua remuneração (medida paradoxal e exorbitante no sistema, excluindo outras ações e investimentos na vida e na sociedade como melhorias em educação, salários dos professores, infraestrutura em saúde e assistência à população, condições dignas de transporte de qualidade e lazer, superação do nível de desemprego...). Por motivos históricos, se a corrupção é marca de nossa colonização, a consciência de cidadania é lenta por contradições culturais. Houve duas ditaduras e cassação de alguns políticos corruptos como Collor (embora as leis permitissem seu retorno). Só vinte décadas depois, a população se expõe às ruas para gritar por mudanças e exigir justiça em várias esferas de um poder dominado por políticos corrompidos, cujo modo de vida está distante das dificuldades reais da vida de nossa gente.

Veio à tona a corrupção como *crime hediondo*, a PEC 37, menos dinheiro para a Copa, mais investimentos em moradias populares, superação dos mecanismos e processos jurisdicionais ou negociações entre os parlamentares.

A história da cultura vem de quando fomos colonizados! Há uma ressignificação dos discursos anticolonialistas, hoje revistos juntamente com as políticas de globalização e tensões localistas. Além do *entrelugar*¹¹ de Silvano Santiago contra o *eurocentrismo e a desobediência civil* de Mahatma Gandhi e Thoreau¹², pode-se repensar o **Hibridismo cultural**, de Peter Burke (2008)¹³. Uma releitura desse contexto de hibridismos é a reflexão obrigatória em Darcy Ribeiro em **O povo Brasileiro**, em que discute a formação histórica e cultural, étnica e filosófica da origem e constituição do povo latino-americano e brasileiro. Hibridização cultural são trocas, práticas e configurações centrífugas e centrípetas de encontros culturais de vários níveis históricos à luz da tradição cultural, criticando o *eurocentrismo*. Essas relações antropoculturais são redes híbridas, heterogêneas e desiguais (negociação e acomodação) de cultura, de poder, de sincretismos, de etnicidade (*crioulização* como resistência contraglobalizante, fragmentação pós-modernas, segregação, circularidade de culturas aos estrangeirismos) e de polifonia como *ecótipo* (termo de Carl Von Sydow).

2 Crítica ao menosprezo às manifestações democráticas e resistência cidadã nas redes sociais

Os líderes atuais, por meio de recursos da mobilização social com a utilização das redes sociais, obtiveram o endosso das comunidades e o povo se despertou audacioso ao sair de suas casas, reivindicar seus direitos e exigir mudanças radicais na política e no acesso às condições de viver como cidadão brasileiro.

Outro aspecto do fenômeno das multidões se contrapõe às opiniões do jogo de investimentos do Pré-sal, da Copa e as declarações reacionárias e insensíveis de Pelé e Ronaldo. Isso evidencia a mentalidade de alguns jogadores como ídolos, mas com um modo de vida e de pensar longe das necessidades reais e paradoxais da vida dos milhões de brasileiros que enfrentam dificuldades de acesso à educação, à saúde e ao transporte coletivo. O Pré-sal, em sua fase de inicial especulação de *Royalties* do petróleo, é um emaranhado discurso contraditório de investimentos na educação e em *mais médicos de Cuba* para o Brasil.

¹¹ Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/27093381/O-Entrelugar-Do-Discurso-Latino-Americano-Silvano-Santiago>. Acesso em: 11/07/13.

¹² Redes sociais, emancipação política e desobediência civil... Disponível em: <http://www.slideshare.net/gustavoclopes/artigo-sbp-jor>. Acesso em: 11/07/13.

¹³ Disponível em: <http://leituraobrigahistoria.blogspot.com.br/2011/03/peter-burke-hibridismo-cultural.html>. Acesso em: 18/12/12.

A **Folha de São Paulo**, do dia 27 de junho de 2013, apresentou no caderno A14, uma reportagem de efeitos visuais sobre “O que eles conseguiram”. Apresentaram-se a queda de tarifas e outras reivindicações do Passe Livre. Segundo o mesmo jornal, “a câmara aprovou antontem destinação de 75% dos *royalties* do petróleo para a educação e 25% para a saúde.” Depois de ouvir os líderes do Passe Livre, Dilma Rousseff declara a necessidade polêmica de um plebiscito, juristas e políticos tendem aprovar medidas ou emendas à Constituição Federal de 1988. A **Folha de São Paulo**, do dia 27 de junho de 2013, no cotidiano C5, apresenta “Pais em protesto: *DNA do protesto*: embrião do movimento começou há 13 anos, em Florianópolis, com trostkistas do PT desiludidos com o partido.” Mesmo que o objetivo primeiro do *Passe livre* representa a isenção da tarifa de transporte coletivo nas principais capitais do Brasil e que seja de qualidade, colocaram-se, em pauta e em aberto ao público brasileiro, os modelos e licitações das empresas de transporte. A partir disso, à baila, outras questões vieram fortalecendo a indignação das pessoas à medida que as multidões saíam às ruas como endosso de melhoras urgentes na educação e na saúde.

Stuart Hall (2010)¹⁴ nos faz repensar a complexidade dos grupos sociais e suas produções intelectuais e ideológicas contra o regime vigente. Para ele, *o sujeito Iluminista* demanda a razão cartesiana. E o mundo deve ser reduzido ao modelo de condições racionalistas, com exclusão da sentimentalidade, emocionalidade, visão dos que não detém a racionalidade. Já *o sujeito sociológico* pertence à visão da modernidade, cujos imperativos estão na declaração dos direitos humanos como mirada positivista e o mundo como espaço de automação, cientificidade, legitimidade de poderes democráticos, ainda que dominados pela contradição da ética burguesa que exclui os que não participam de seus interesses. E *sujeito pós-moderno*, próprio de nossa época, é o produto da globalização dos mercados e da mundialização dos capitais e recursos humanos, gerando movimentos migratórios contraditórios, intestinais em sociedades fragmentadas, marcadas pelo consumismo, descarte, exclusão social, terceirizações, minimização do aparelho estatal, sociedade do espetáculo... Nesses contextos paradoxais, quantos sujeitos houver, tantas manifestações e fenomenologias surgirão no conflito de classes e de multiculturas, pluripartidarismos na sociedade. À tona, vêm as conexões classistas, grupais e heranças epocais, cada qual com sua

¹⁴ HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. p. 7-22. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>. Acesso em: 11 de jun. de 2013.

produção intelectual específica e em oposição às outras ou aliadas a elas quando se tratar de mobilidade social e formação de partidos afins. A **Folha de São Paulo**, 23 de junho de 2013, trouxe, um conjunto de reflexões e artigos, denominado: *Especial – Países de protestos*, no caderno *Ilustríssima!*

Quadro 1 - Cobertura dos protestos

Folha de São Paulo – folha.com.br - Título do artigo - Páginas ou coluna	
‘Contra tudo’ e por mudanças, milhares vão às ruas no país.	18 de junho de 2013, C1.
Protestos de rua derrubam tarifas – após 13 dias... A tarifa abaixou, mas o povo não calou (cartaz).	20 de junho de 2013, C1.
Serviço e compatível com tarifa, afirmam empresas de ônibus. Protestômetro.	21 de junho, C4.21 de junho, C6.
Congresso prepara agenda positiva para responder às manifestações: tiram da gaveta projetos para saúde, educação e transporte.	22 de junho de 2013, A16.
<i>Países de protestos em Ilustríssima!</i> “Abre-se um temo de incertezas”, diz sociólogo da Unicamp, Marcelo Ridenti.	23 de junho - A3

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 Por uma ética das ruas e das novas tecnologias

Muitos tentaram teorizar o impacto das novas tecnologias como algo negativo. Contudo, há outro viés pelo qual se pode analisar esse impacto. As revoluções tiveram sempre um aparato tecnológico como suporte cultural. As estéticas iluminista e romântica, com a invenção da imprensa e a enciclopédia, propuseram mudanças no poder e no olhar sobre as multidões. Depois o positivismo e as vanguardas europeias, entusiasmados pelos avanços científicos do século XIX, a eletricidade, a máquina a vapor, as novas técnicas de pesquisa e recursos arquitetônicos, engendraram uma visão otimista, mas logo a seguir com a decepção de guerras e conflitos militares e atômicos em maior escala. O desencanto com a modernidade já está em Baudelaire e Victor Hugo, Goethe, Rousseau, o círculo de Frankfurt. Os filósofos contemporâneos são os que apresentam ou tendem a sistematizar uma teoria ou prática da moral e da ética coletiva: Hannah Arendt, Nietzsche Nietzsche (1844-1900), Sarthe, Gabriel Marcel e mais recentemente por Klas Lumman. Vasques e Reale, filósofos críticos do sistema social, vislumbram uma ética social de direitos da pessoa humana e criticam as estruturas sociais injustas.

Paul Ricoeur sintetiza as preocupações históricas com a filosofia e ética nos mestres da suspeita¹⁵(Marx, Freud e Nietzsche) que desmascaram as ideologias do sistema, ego e da moral. As forças da multidão são bem analisadas em Martin Bárbaro, Derrida, dentre outros. As controvérsias sobre o inconsciente continuaram em Jung, Lacan, Barthes, Rogers, dentre tantos. Alienação da imagem trabalho-capital e a *ideologia de Hegel* serão questionadas por Marx e outros. A complexidade das sociedades contemporâneas é discutida também em Strauss (estruturalista), Foucault, Derrida (pós-estruturalistas). Se falar de fenomenologia das manifestações coletivas é complexo, mais desafiante é se posicionar sobre uma ética das ruas e das multidões. São vozes, cuja polifonia ensurdecadora nos desafia ir além de uma estética de fluir coletivo, anseios apartidários, endossos virtuais nas redes sociais, protestos assemelhados com a feição e perfil dos brasileiros sem vez e sem voz...

Acrescento uma visão de Gilles Deleuze e Felix [Guattari](#)¹⁶ sobre a metáfora da imagem do *rizoma* que são radículas ou canaizinhos na terra como um capim, um formigueiro ou grama ou a tiririca – uma plantinha parasita em horta de couve. Essas imagens nos instigam à inferência de que uma situação ou imagem puxa a outra; deve-se investigar a fenomenologia das ruas como *acontecências* de insatisfações materializadas nos protestos recentes... Assim, como o rizoma, as redes sociais constituem em esforços isolados e articulados, despertando o anseio de multidões nas ruas para se manifestarem contra a ordem vigente. Exigem união e o respeito da sociedade civil e de diferentes classes em suas várias categorias e especializações de atitudes e rede de iniciativas, sem as quais muitos valores e situações das classes e grupos populares não seriam contemplados.

Para Foucault (1969 e 1979)¹⁷, em **A ordem do Discurso, Arqueologia do Saber e Microfísica do Poder**, cabe-se aos líderes e seus cooperados como equipe a desautomanização dos processos e recepções de cada caso; cada proposta de discussão e reivindicação de poder das multidões contra os poderes constituídos. Cada caso o é lá

¹⁵ Sobre os mestres da Suspeita em Paul Ricoeur: “esses três pensadores suspeitaram das ilusões da consciência. Para descobrir a verdade, é preciso proceder à interpretação do que consideramos conhecer a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente.” Disponível em: <http://share.pdfonline.com/989ef1bf7a1d4207adb1d41ea53eeea9/OS%20MESTRES%20DA%20USPEI%20TA.htm>. Acesso em: 07/07/13, às 12:57.

¹⁶ **Mil platôs**: trechos selecionados do vol. 1 - [rizoma](#). O conceito é aludido em Disponível em: <http://rizomas.net/filosofia/rizoma/107-rizoma-e-um-sistema-aberto-deleuze-e-guattari.html>. Acesso em: 06/10/12.

¹⁷ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault. Acesso em: 08/12/12.

onde se configura sua (i)logicidade e estratagema de sua sustentabilidade psíquica e social com a busca de resultados objetivos das reivindicações e ações das multidões que se endossam e se reforçam nas ruas e nas assembleias em negociação e vigilância para que os protestos não sejam desvirtuados em clichês, em outros interesses e iniciativas de outros grupos oportunistas como vandalismos, discursos políticos partidários opostos à causa popular, populismos contraditórios, imagens maquiavélicas dos meios de comunicação ideologicamente manipulados pelo *status quo*. Trata-se de *performance* do(s) ator(es) que configura a dinâmica ou a apatia, a digressão ou a sintonia nos processos de projeção, transferência, racionalização, castração, ou sensibilização de verbalização de demandas e desejos, sonhos e frustrações.

Niklas Luhmann (1996)¹⁸ nos descreve sobre a fenomenologia do labirinto social de conexões de complexidade nos fenômenos da pós-modernidade em abordagem socioepistemológica a partir da interdisciplinariedade, transdisciplinaridade e *multidisciplinaridade*. Para ele, há imagens caleidoscópicas de sociedades e das intrincadas gestões e manifestações coletivas. O interdisciplinar corre o risco de isolar saberes (não dialogáveis entre si); o multidisciplinar incorre no risco de paralelismo de atividades e atitudes, periclitando em dispersão e fragmentação; o transdisciplinar é a formação de cidadania (Paideia) e a reflexão integrada de conteúdos disciplinares e não acadêmicos (currículo oculto), porque pode ser a instância de pró-atividade, de diálogo intercultural e de reconhecimento do hibridismo cultural.

Paulo Freire (1970)¹⁹ se torna interessante para os líderes e movimentos populares à medida que se despertam para uma ação coletiva e uma reflexão da **Pedagogia da Autonomia** como processo em que se reconhece o outro, a voz da multidão nas ruas com sua pauta de reivindicações organizada, além de sua tipificação e categorização cartesiana, essencial e padrão. Cada um tem sua condição de existência e gênero, lá onde está como cidadão e partícipe da sua cultura local e etnia, no jogo de poderes e redes de relações na sociedade concreta.

Para intuir e inferir uma ética social dos movimentos populares e de rua, há-de se repensar os papéis dos líderes e das mídias em especial as redes sociais. As mídias e redes sociais são vistas como poder paralelo e burocrático, para alguns. Outros, o espaço

¹⁸ LUHMANN, Niklas. **La ciencia de la sociedad**. México: Antropos, 1996. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=742516&sid=8932811571010248440664411&k5=115219B4&uid>. Acesso em: 18/12/12.

¹⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa e Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, 1970. 218 p.

de socialização; em algumas outras, espaço de democratização e presença da comunidade em termos de palestra, lazer e cursos. São necessários saberes e pesquisas, para que se possa reverter a imagem cômica ou caricatural de reducionismos impostos aos movimentos populares. A imagem das multidões está em jogo; o poder e as mídias se omitem, deixando-se aos gestores a responsabilidade de ponderar as mídias e avaliar quais imagens (se) estão sendo engendradas em, para ou contra a sociedade: os líderes ou os movimentos populares e sua proposta de gestões alternativas são opostas ao mundo capitalista. Ainda, não obstante as facilidades das novas tecnologias; não nos iluda a inserção delas, por si só consegue educar: quem educa é o cidadão crítico, ético, o povo quando tem competente líder, capaz e ético, valorizado e responsável, com o apoio do mesmo povo. Sozinho, ele é frágil e se corrompe!

4 Considerações finais

O impacto das mídias e redes televisivas está na vida cotidiana, com traços positivos e negativos. Não se vive em sociedade sem interagir com alguma mídia ou telejornalismo, pelo menos, uma vez por semana. Muitos votam sob a influência das estatísticas difundidas pela imprensa. Se as mídias endossam a visão política vigente, as redes sociais assumem outra orientação. A presença das redes foi decisiva na Primavera Árabe e nas manifestações nas ruas do Brasil. Desde as Direjas-Já e o *impeachment* de Collor, o povo se despertou agora em indignação aos poderes da república e da necessidade de uma nova mentalidade de governabilidade corrupta em todas as instâncias da democracia brasileira.

A sustentabilidade e a mobilidade popular estão centralizadas na articulação e no domínio das redes sociais como a “barrica virtual alternativa” contra os principais meios de comunicação hegemônico de massa - aparelhos *ideológicos* de dominação social segundo Althusser²⁰ - que são as mídias e imprensa oficial, em especial as redes televisivas ou os jornais nacionais. Ao condicionar as demandas populares ao vandalismo, ocorre ideológica e politicamente um reducionismo do teor e das imagens das manifestações populares como algo menor e indigno, sujo e desprezível. Tal assertiva tão comum nos jornais, difícil em seu discernimento político-partidário e ético,

²⁰ Para Althusser, a ideologia perpetua-se pela utilização sutil e explícita dos meios de comunicação social dominados pelos interesses do Estado contra a sociedade civil organizada. Nenhum deles é neutro e inoperante como meios de inculcação ou dominação ideológica. Disponível em: <http://www.texton.com.br/ensaios/3049>. Acesso em: 07/07/13.

redunda em omissão e cumplicidade com os erros dos homens públicos e a administração dos bens públicos, negando vez e voz ao povo e seus líderes. Em suma, ridiculariza o popular e esvazia o sentido profundo de participação democrática e denúncia cidadã. O sistema está doente, porque alguns vivem da vantagem do poder e não reverterem os impostos em benefício da gestão justa e equânime da cidade e do campo. O movimento do *Passe Livre* fez suas reivindicações²¹ pontuais em 27 de junho de 2013, o que representou a força de mobilização popular, via novas tecnologias como as redes sociais, conquistou o anseio de mudanças radicais contra a corrupção dos poderes e moralização das políticas públicas. “O Movimento Passe Livre surgiu como desdobramento da série de manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus ocorrida aqui no ano de 2003, que ficou conhecida como ‘Revolta do Buzu’”, segundo a *Carta Aberta do Movimento Passe Livre*. Essa crise da cultura brasileira com a endêmica corrupção é a ponta de um *iceberg* maior: sua histórica mentalidade colonial e crise de governabilidade. Ela é repassada na educação e pedagogias autoritárias, segundo Ana Rocha (2005). Foram duas semanas de multidões em protestos e coragem de que o Brasil mude de rumos. Depois de tudo isso, ainda falta a coragem cidadã cotidiana de ver um Brasil melhor? Não se pode esquecer o grito das multidões e voltar às mesmices de uma vida política inconsequente. Triste é constatar que a máquina demagógica vigente não entendeu o recado das pessoas na rua. Os poderes, as esferas administrativas, os juizados, as leis não deveriam continuar do jeito que estão se caducam em ações contra o povo brasileiro.

Afirma Ridenti (2013): “Eles têm expectativas elevadas e incertezas quanto ao futuro, sem encontrar pleno reconhecimento no mercado de trabalho nem tão pouco na política. Ademais, detecta-se insatisfação com o individualismo exacerbado.” (fonte acima). Se precisar de novo, saiamos às ruas! Exijamos justiça e construamos outra ordem social e política. Como ensaiaram os latinos com o provérbio: “*Vox populi, Vox Dei*”.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

²¹ 27. Junho. 2013 (BR-BA) - Categoria: [Movimentos em Luta](http://passapalavra.info/2013/06/80247) - **Carta Aberta do Movimento Passe Livre** Salvador. Disponível em: <http://passapalavra.info/2013/06/80247>. Acesso em: 07/07/13.

ARENDDT, Hannah. Crise da cultura. 1972. In: GAUTHIER, Clemmont *et al.* **A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias.** Vozes, 2005.

BARRETO, Fernando: Mobilização Social. In: **Para entender as mídias sociais.** BRAMBILLA, Ana. E-book, 2011.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Unisinos, 2008.

CASTELLS, Manuel: **A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Sociedade em rede.** Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO – folha.com.br/jun.jul. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à Prática Educativa. Editora Paz e Terra, 1970. 218 p.

GILMOR, Dan. Nós, os média – Lisboa: Presença, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade.** DP&A Editora, 10ª edição, p. 7 – 22.

LINDEMAN, Christiane: Jornalismo participativo na internet: novo suporte, novas práticas, novos conceitos. In: **Animus – Revista interamericana de comunicação midiática.** Santa Maria/RS, vol. V, n. 2. p. 149-168, 2006.

LUHMANN, Niklas. **La ciencia de la sociedad.** México: Antropos, 1996.

RECUERO, Raquel: A nova revolução – as redes são as mensagens. In: **Para entender as mídias sociais.** Org. BRAMBILLA, Ana. E-book, 2011.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL, ano 7, nº84, set. 2012. p.62

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia e doutrinas pedagógicas: quando os devorados somos nós.** Porto Alegre, GEEMPA, 2005. (Coleção Textos Geempianos n.2).

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx.** 3. ed. Itajaí: UNIVALI, 2002.